

TV+

Em sua quinta novela consecutiva e celebrando a paixão que nutre pelo gênero, Isabel Teixeira surge loira e fatal como a nova grande vilã das nove, em *Quem ama cuida*

POR PATRICK SELVATTI

Em meio a pilhas de livros, roteiros rabiscados, uma máquina de escrever ainda em funcionamento e a memória afetiva do teatro brasileiro pulsando, Isabel Teixeira vive exatamente onde sempre quis estar: no meio da arte. Aos 52 anos, dona de uma das presenças mais magnéticas da dramaturgia nacional contemporânea, ela fala sobre novelas com o mesmo entusiasmo de uma jovem estreante — embora carregue quatro décadas de palco nas costas, uma coleção de prêmios importantes e personagens que já entraram para a memória popular do país.

No ar em *Quem ama cuida*, em que interpreta Pilar, sua primeira grande vilã das nove, Bel — como é chamada por colegas e amigos — ri alto ao admitir o que considera quase um vício: fazer novela. Mas ela não encara o gênero apenas como indústria ou rotina de gravação, mas como uma experiência humana contínua, um organismo vivo que ela descobriu tardiamente — e do qual não quer mais sair. “Eu gosto mesmo de fazer novela”, diz, com a empolgação intacta de quem ainda se deslumbra com o próprio ofício. “Descobri isso aos 46 anos. Quero fazer muita novela, uma atrás da outra, o resto da vida”, garante.

Sem sair do ar

É curioso ouvir isso de alguém que estreou na televisão há apenas sete anos. Em um meio em que muitos artistas passam décadas tentando ocupar o horário nobre, Isabel Teixeira chegou à tevê praticamente pronta. Não como uma aposta, mas como uma atriz lapidada pelo tempo. Sua entrada quase simultânea em *Desalma* (no Globoplay) e *Amor de mãe* (às 21h, na TV Globo) revelou ao grande

público uma intérprete rara: intensa sem excessos, popular sem perder sofisticação, visceral sem abandonar delicadeza.

O reconhecimento definitivo veio com *Maria Bruaca*, no remake de *Pantanal* (2022). A personagem, atravessada por dor, desejo reprimido, abandono e

libertação, encontrou em Isabel uma humanidade tão brutal quanto poética. O Brasil inteiro passou a observá-la. A atriz levou praticamente todos os prêmios importantes daquela temporada. Mas o fenômeno talvez tenha sido maior do que as estatuetas: Bel transformou uma mulher traída em símbolo de emancipação emocional.

Desde então, não saiu mais do ar. Vieram *Elas por elas*, outro remake, agora às 18h; a original *Volta por cima*, às 19h; e, agora, sua volta às 21h. “Novela das seis, das sete e das nove são mundos diferentes”, observa, com o conhecimento de causa de quem atuou, em sequência, nas três faixas.



Globo/ Manoella Mello